

Entre Expectativas e Realidades da Viagem Durante a Pandemia de Covid-19

Danielle Ramos das Neves¹

Alice Leoti²

Resumo:

O presente trabalho é caracterizado como um relato de experiência que trás ao leitor a percepção da autora de como é a realidade de viajar atualmente em tempos de crise de COVID-19, trazendo como objetivo descrever uma viagem interestadual com início na cidade de Jaguarão/RS e com destino final na cidade de Brasília/DF. A elaboração desse trabalho foi através de uma metodologia de pesquisa exploratória de caráter qualitativo e de natureza aplicada, onde serão descritas todas as etapas da viagem e permanência da autora e suas conclusões em relação a esse processo. O relato é elaborado com a intenção de elucidar aqueles que pretendem fazer uma viagem, e ao mesmo tempo descrever os cuidados que se deve ter para evitar o contágio para que assim as pessoas tenham a realização de uma viagem mais tranquila e segura.

Palavras-chave: COVID-19; Turismo; Viagem; Biossegurança; Vôo;

Resumen:

El presente trabajo es caracterizado como un relato de experiencia que trae al lector la percepción de la autora de como es viajar actualmente en tiempos de Crisis de COVID-19, teniendo como objetivo describir un viaje con inicio en la ciudad de Jaguarão/RS y con destino final la ciudad de Brasilia/DF. La elaboración de este trabajo fue realizado a través de una metodología de investigación exploratoria de carácter cualitativo y de naturaleza aplicada, donde serán descritas todas las etapas del viaje y permanencia de la autora y sus conclusiones en relación a ese proceso. El relato es elaborado con la intención de aclarar aquellos que pretenden emprender un viaje, y al mismo tiempo describir los cuidados que se puedan tener para evitar el contagio y de esa forma las personas tengan un viaje más tranquilo y seguro.

Palabras clave: COVID-19; Turismo; Viaje; Bioseguridad; Vuelo;

INTRODUÇÃO

Há alguns meses, chega ao Brasil o COVID-19 (COVID 19), um vírus que foi identificado pela China e que é de alto contágio, que de acordo com os sintomas e consequências acabaram modificando de forma imediata a realidade das pessoas. Nessa concepção, a epidemia do novo COVID-19 fez com que as pessoas alterassem seu cotidiano, inclusive em algumas localidades sendo obrigadas a cumprir um isolamento social.

¹ Tecnóloga em Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

² Doutoranda em Turismo e Hotelaria (UNIVALI), Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), Especialista em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional (UFPel), Bacharela em Turismo (UFPel). Docente no Curso Superior de Gestão em Turismo da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão.



Com o intuito de conter o rápido contágio, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou no dia 11 de março de 2020 que a nova doença já era considerada uma pandemia. Nesse sentido, inúmeros países fecharam suas fronteiras e praticamente todos os setores também cessaram as atividades temporariamente. Deste modo, assim como as pessoas, as empresas também tiveram que passar por várias adaptações, respeitando decretos e recomendações sanitárias para que pudessem retomar as atividades, pois várias delas tiveram que permanecer fechadas por certo período, outras até fecharam as portas devido à crise econômica, pois a pandemia também gerou desemprego.

Freitas (2020) afirma, com base nos cuidados tomados por outros países – que tiveram o COVID-19 ativo antes do que o Brasil –, que as “estratégias” adotadas para evitar o contágio do vírus podem gerar um impacto psicossocial, como estresse, raiva, insônia, medo de viajar ou até mesmo de entrar em espaços onde tenha um maior número de pessoas circulando. Partindo do fato relacionado ao medo das pessoas viajarem, Gullo (2020) alega que o turismo é um dos setores mais afetados, e que é provável que seja um dos últimos a ser normalizado em termos de desenvolvimento econômico.

Com isso, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência de uma viagem de férias realizada nos meios de transporte terrestre (ônibus) e aéreo. A viagem iniciou com a saída de ônibus da cidade de Jaguarão (RS) e tinha como destino final Brasília (DF), com paradas rápidas pelas cidades de Pelotas e Porto Alegre para troca de ônibus e voo. A viagem foi realizada em Julho de 2020, em tempos de pandemia de Covid-19, serão apresentadas as expectativas e as realidades vivenciadas pela autora durante esses percursos e estadia na cidade de Brasília. Também será realizado um comparativo entre esta viagem e viagens que foram realizadas antes da pandemia com o mesmo itinerário de viagem.

Este trabalho será construído através de uma metodologia de pesquisa exploratória de carácter qualitativo e de natureza aplicada, onde serão descritas todas as etapas da viagem e permanência da autora e suas conclusões em relação a esse processo.

PROBLEMÁTICA E RELEVÂNCIA

Viajar em tempos da crise causada pela epidemia do COVID-19 se tornou algo impraticável para boa parte da população mundial, pois as chances de contágios se proliferaram quando entramos em ambientes onde há um grande fluxo de pessoas, (como o caso de



rodoviárias e aeroportos), ou quando se entra em ambientes fechados como ônibus e aeronaves, que também há aglomerações de pessoas. Outra causa que gera medo nas pessoas viajar atualmente é o fato de sair da sua estadia para frequentar outros ambientes que tem outros hábitos e culturas.

Nesse sentido, quais os cuidados devem ser tomados para evitar o contágio do COVID-19 durante o deslocamento de uma viagem e como proceder para que se possa viajar sem medo de retornar infectado?

Através dos relatos abordados nesse trabalho, espera-se mostrar a realidade de uma viagem ampla, para que possa ajudar a esclarecer as ideias do leitor que esteja na dúvida ou com medo de realizar uma viagem no cenário em que estamos vivendo atualmente.

PLANEJAMENTO DA VIAGEM

Assim como já dito anteriormente, a rotina das pessoas e empresas modificou com o surgimento do COVID-19, e as atividades turísticas também foram impactadas. Por esse motivo para se pensar em viajar, as pessoas precisam se adequar as novas normas e exigências das empresas para que não aconteça nada inesperado.

Com a nova realidade imposta pelo COVID-19, as empresas de transporte turístico estão trabalhando com rotas reduzidas, portanto é recomendável que antes de comprar a passagem aérea, seja necessário verificar os horários de ônibus (se for necessária a utilização desse meio de transporte), pois os horários não estão fixos tendo em vista as constantes alterações de situação do contágio, assim a cada semana funciona de uma maneira diferente pra determinada rota. No caso da autora, como o aeroporto fica a aproximadamente 390 km de distância, teve que pegar dois ônibus, o primeiro fazendo o trajeto Jaguarão-Pelotas e o segundo Pelotas-Porto Alegre, onde fica localizado o Aeroporto Internacional Salgado Filho.

Neste caso, a autora planejou as rotas terrestres com bastante antecedência a fim de encaixar os horários com seu vôo. Porém dada a pandemia o voo foi cancelado, assim seu planejamento foi alterado fazendo com que a pré-viagem tenha sido conturbada. Tal mudança tornou o trajeto ainda mais cansativo, pois o seu vôo cancelado era direto e o novo vôo tinha como itinerário uma conexão no Aeroporto de Guarulhos/SP. Cabe destacar que todas as escalas estão suspensas pela necessidade de higienização das aeronaves.



O medo de ser contaminada que já era presente pelo fato de ter que fazer uso de transportes coletivos, onde estaria exposta à lugares com várias pessoas aglomeradas, se tornou maior por conta de ter que aguardar em Guarulhos. Tal fato gerou um quadro de estresse e ansiedade, e a vontade de desistir da viagem e remarcar foram cogitadas. Em diálogo por telefone com uma funcionária da companhia tranquilizou, pois ela afirmou que o voo estava tranquilo e que estavam tomando todas as medidas necessárias para a segurança dos seus clientes. Assim, apesar do medo, a segurança dada pela atendente fez com que a autora resolvesse dar continuidade ao planejamento da viagem.

O primeiro passo, foi pesquisar nos sites das companhias aéreas e empresas de transporte terrestres informações sobre o que era permitido levar na bagagem de mãos, se havia alguma alteração e nova restrição e quais as recomendações que deveriam ser seguidas para realizar o embarque. A mudança observada foi a obrigatoriedade exigida pelas empresas do uso de máscaras, e as companhias aéreas permitiam o uso de álcool somente em gel, os demais tipos de álcool deveriam permanecer na mala despachada que iria para o compartimento de bagagem.

Embora a exigência das empresas fosse somente voltada ao uso obrigatório de máscaras, a autora comprou também luvas descartáveis em quantidade suficiente para trocar e usar sem limitação.

A VIAGEM

A viagem ocorreu no dia 08 de julho de 2020, saindo da cidade de Jaguarão no ônibus às sete da manhã com destino à cidade de Pelotas. Todos os passageiros estavam com máscara, apenas os assentos de janela podiam ser ocupados, ou seja, a empresa estava lotando 50% da capacidade do ônibus.

Ao chegar na rodoviária de Pelotas, na entrada haviam funcionários de uma empresa com termômetro infravermelho verificando a temperatura de todos que entravam. O espaço estava com poucas pessoas, os bancos foram espalhados pela rodoviária e estavam marcados com um papel com o sinal de X para as pessoas não ocuparem aqueles assentos, assim as pessoas respeitariam o distanciamento. As lanchonetes em sua maioria encontravam-se abertas, porém estava proibida a permanência para o consumo na parte interna. O ambiente



da rodoviária, estava sendo higienizado durante o período em que a autora estava aguardando o próximo ônibus, que partia ao meio-dia para a cidade de Porto Alegre.

Ao partir para a cidade de Porto Alegre, a empresa de transporte também estava com 50% do ônibus ocupado, somente assentos da janela ocupados, e todos os passageiros, cobradores e motoristas estavam usando a máscara corretamente. No meio do caminho, a empresa de transporte fez uma parada de 15 minutos no Paradoiro Grill, na cidade de Cristal. O uso de máscaras era obrigatório e não havia controle de temperatura na entrada do local. O ambiente estava funcionando normalmente, porém com poucos clientes, a variedade de salgados também não era a mesma de antes da pandemia, muitos alimentos estavam sendo feitos somente por pedido e os clientes poderiam usufruir do espaço para consumir os alimentos e tomar café.

A permanência à rodoviária de Porto Alegre foi breve, onde a autora desbarcou do ônibus e pegou um carro de Uber, que também seguia as recomendações de prevenção ao Covid-19. Apesar do pouco tempo de permanência, foi possível observar que na rodoviária de Porto Alegre não havia o controle de temperatura daqueles que chegavam. Cabe destacar aqui, que o desembarque na rodoviária de Porto Alegre se deu também pelas mudanças causadas pelo COVID-19, uma vez que antes da pandemia a empresa desembarcava passageiros na rodoviária de Porto Alegre e prosseguia até o aeroporto.

No aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, tinha controle de temperatura na entrada bem como ocorreu na rodoviária de Pelotas. Em comparação do cenário atual com o anterior à pandemia, o aeroporto estava vazio em proporção ao seu tamanho, não haviam grandes aglomerações. As pessoas estavam obedecendo ao distanciamento entre um e outro, e todos estavam utilizando a máscara.

Ao entrar na sala de embarque, havia espaços com poucas pessoas, porém também lugares com aglomerações, e em todo o tempo de espera (duas horas), a autora permaneceu em local isolado com o mínimo de contato possível com outras pessoas. A surpresa desagradável foi quando começou o embarque do seu vôo, pois o mesmo estava lotado, com aproximadamente 180 pessoas. Neste momento começou a sensação de pânico e o medo entraram em cena, pois haviam pessoas aglomeradas, em um ambiente fechado (o avião).

Dentro da aeronave não havia espaço vazio entre poltronas, ou seja, todas as poltronas ocupadas onde estavam os passageiros todos lado a lado (FIGURA 1). Neste primeiro trajeto entre Porto Alegre/RS e Guarulhos/SP, em nenhum momento, a empresa ofereceu álcool em



gel aos seus clientes, e embora a companhia ressaltasse em suas chamadas para o embarque que a empresa estava agindo de acordo com as recomendações sanitárias. No entanto, as atitudes pareceram demonstrar que não se importam tanto com a segurança biológica dos seus clientes bem como a dos seus colaboradores.

Na hora do embarque em Guarulhos, conforme mostra a Figura 2, o regramento de distanciamento entre pessoas estava sendo respeitado, e na entrada da aeronave as comissárias ofereceram álcool gel. Porém, quanto à ocupação da aeronave se contradizia com o distanciamento devidamente correto, pois ocorreu exatamente como a do voo anterior, só que com um número maior de passageiros. No decorrer da viagem o passageiro que estava sentado ao lado comentou que também estava insatisfeito e que seu voo também havia sido cancelado sem motivo algum pela empresa.

Diante de tempos de epidemia de COVID-19, a empresa fez três alterações notadas. A primeira delas diz respeito a obrigatoriedade do uso de máscaras. A segunda foi o serviço de bordo que estava suspenso em todos os voos, porém um lanche industrializado era entregue na saída da aeronave. E, a terceira modificação diz respeito ao desembarque do avião que foi ordenada e por fileiras, o que não ocorria antes da pandemia. A chegada ao Aeroporto Internacionall Juscelino Kubitschek localizado na cidade de Brasília/DF foi às onze horas e quarente e cinco minutos da noite.

A autora permaneceu na cidade de Riacho Fundo 1 (uma cidade satélite de Brasília/DF), na casa do namorado, pelo período de 20 dias, onde pode observar ao longo da sua estadia algumas diferenças causadas pela pandemia de COVID-19. O trânsito estava sem congestionamento, todos os estabelecimentos (shoppings, supermercados, feiras, farmácias, lojas, etc...) estavam sendo monitorados por uma pessoa que verificava a temperatura de cada cliente com termômetro. Os estabelecimentos comerciais estavam funcionando em horários reduzidos e variados.

Em um dos shoppings, os alimentos comprados na praça da alimentação deveriam ser consumidos somente lá ou deveria ser preparado para viagem, pois estava proibido o consumo de alimentos e bebidas em outros espaços do local. No meio da praça de alimentação havia umas torneiras com água e sabão para higienização das mãos. Os cinemas todos fechados e sem movimento, as lojas de roupas estavam funcionando com restrição de não abrir os provadores para os seus clientes experimentarem as peças que desejavam comprar. Entretenimento como cinema estava sendo ofertado pelos shoppings como drive-in,



porém com os preços elevados e filmes antigos. Alguns bares na cidade de Riacho Fundo I estavam em funcionamento, e neles via-se certa aglomeração de pessoas, porém o município não parecia estar tendo fiscalização noturna do setor responsável.

Sua viagem de retorno teve início às cinco horas e dez minutos da madrugada do dia 28 de julho, onde devido ao horário o Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek encontrava-se com poucas pessoas, e o voo de Brasília para Guarulhos não estava lotado. Como mostra a Figura 3, a autora estava sem outro passageiro ao seu lado, somente do outro lado da aeronave, que também estavam separados por uma poltrona vazia.

No Aeroporto de Guarulhos, as lanchonetes estavam cheias de clientes que aguardavam seus vôos, como mostra a Figura 4. Como pode-se observar na Figura 4, não havia limitação nem espaçamento suficiente para evitar o contato entre as pessoas nas lanchonetes. Durante toda a espera, a autora se manteve isolada, e encontrou certa dificuldade pra encontrar um local que não houvesse aglomerações.

Eram quase onze horas da manhã quando a autora chegou na rodoviária de Porto Alegre, quando a mesma descobriu que teria que passar novamente por Pelotas. Antes da pandemia havia diariamente um ônibus direto que fazia o trajeto Porto Alegre-Jaguarão, e atualmente esta rota não está disponível diariamente, portanto teve que esperar o ônibus que partia de Porto Alegre ao meio dia e que chegava em Pelotas às três e quarenta da tarde.

Como parte do itinerário, a empresa fez uma parada no Paradoiro Grill de quinze minutos para os passageiros se alimentarem e ir ao banheiro, o ambiente não tinha outros clientes além dos que desceram do mesmo ônibus que a autora. A quantidade de funcionários pareciam estar reduzidos em relação ao que era antes da pandemia.

Ao chegar na rodoviária de Pelotas, a autora comprou a sua passagem de retorno para Jaguarão. Em outros tempos, poderia ter a possibilidade de pegar o ônibus de Pelotas que saia para Jaguarão às 16h, porém essa rota não está mais disponível devido à redução de rotas estipuladas pela empresa de transporte. Com isso, a autora teve que aguardar na rodoviária até o próximo ônibus que saia às 18 horas.

O último ônibus entra na cidade de Arroio Grande para embarque e desembarque de passageiros. Nesta parada entrou uma fiscal da vigilância sanitária para verificar a temperatura dos passageiros que desciam e dos que iriam continuar viagem até Jaguarão. Nesse meio tempo, entraram duas jovens, uma delas com a máscara abaixo do queixo, porém



logo subiu o cobrador que exigiu da passageira a utilização correta da máscara e então continuou a viagem para o seu destino final.

A chegada em Jaguarão foi tranquila, havia um representante da vigilância sanitária que também verificou a temperatura de todos que desembarcaram ali. Antes mesmo de a autora ir pra casa, passou no centro de triagem da cidade para verificar o que deveria ser feito, e foi informado que se a mesma sentisse algum sintoma de COVID-19, que retornasse para realizar o teste rápido, naquele momento a sua temperatura estava normal.

METODOLOGIA

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), a pesquisa desse relato se configura como abordagem qualitativa, pois “[...] preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.”, nesse sentido, pode-se relacionar a própria observação da autora durante todo o itinerário de viagem e sua estadia na cidade de Brasília/DF.

Quanto à natureza pode-se afirmar que é pesquisa aplicada e o objetivo se configura como exploratória, pois para Fleury e Werlang (2017, p. 11), a pesquisa aplicada pode ser definida “como um conjunto de atividades nas quais conhecimentos previamente adquiridos são utilizados para coletar, selecionar e processar fatos e dados, a fim de se obter e confirmar resultados [...]”, nessa linha, no decorrer da viagem, a autora pôde, através da sua experiência, fazer a coleta de todo o conteúdo para o desenvolvimento deste relato.

Ainda com base em Fleury e Werlang (2017, p. 11), o objetivo de uma pesquisa exploratória deve “[...] criar uma visão geral de um determinado fenômeno ou de uma dada condição; gerar novas ideias; ou conhecer os fatos básicos que circundam uma situação”, sendo assim a autora com base em sua vivência é capaz de fazer conclusões sobre a experiência de viajar e propor conselhos para os leitores que tem a pretensão de realizar a mesma experiência.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E CONCLUSÕES

A pandemia de COVID-19 e os impactos sociais e econômicos que geraram no mundo inteiro, inclusive no Brasil é um assunto atual. Sendo assim, o relato de uma viagem



interestadual nesses tempos difíceis é um tema que poderá elucidar dúvidas daqueles que pretende fazer uma viagem, e ao mesmo tempo deixar essas pessoas atentas aos cuidados que se deve ter para evitar o contágio e ter uma viagem de forma mais tranquila.

Este estudo também serviu para a autora observar que as empresas de transporte terrestre estão de acordo com os regulamentos sanitários e estão visando a segurança dos seus clientes e colaboradores. Já a empresa de transporte aéreo que a autora contratou, embora não esteja realizando voos com escala (para higienização das aeronaves), está superlotando os voos e assim colocando em risco a vida dos clientes e também de seus funcionários. Pode-se pensar que esta empresa não visa tanto aos regulamentos sanitários e sim os rendimentos econômicos da companhia.

Com isso, afirma-se que algumas empresas não estão adequadamente preparadas para a crise do COVID-19 que estamos enfrentando, uma ideia que poderia modificar essa visão, seria implantar a disponibilização de álcool em gel nas aeronaves ou ter à disposição de seus clientes, também deveria ser realizado o monitoramento da temperatura, já que a lotação das aeronaves está acima da ocupação de 50%.

Contudo, viajar sem ser contaminado de covid-19 é possível, como foi o caso da autora, basta tomar aos cuidados adequados, utilizando a máscara e fazendo a substituição da mesma de acordo com a sua validade, higienizando as mãos seja com álcool em gel ou com água e sabão sempre que possível. Outra precaução que pode ser feita, é a utilização de luvas descartáveis em toda a vez que for utilizar máquina de cartão, dinheiro.

Referências

FLEURY, M. T. L. WERLANG, S. R. C. **Pesquisa Aplicada: conceitos e abordagens**. GV Pesquisas. Anuário de pesquisa 2016-2017, p.11.

FREITAS, F. 2020. **COVID-19 e o paradoxo do isolamento**. Mad in Brasil. 16 mar. 2020. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41009/3/Coronav%C3%ADrus%20e%20o%20paradoxo%20do%20isolamento%20_%20Mad%20In%20Brasil.pdf>> Acesso em 02 ago. 2020.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009, p. 31 - 35.

Gullo, M. C. R. (2020). A economia na pandemia Covid-19: algumas considerações. **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, 12 (3–Especial Covid 19), p. 5. 15 jun. 2020. Disponível em <<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8758>>> Acesso em 02 ago. 2020.



APÊNDICES

Figura 1 – Voo trajeto Porto Alegre a Guarulhos



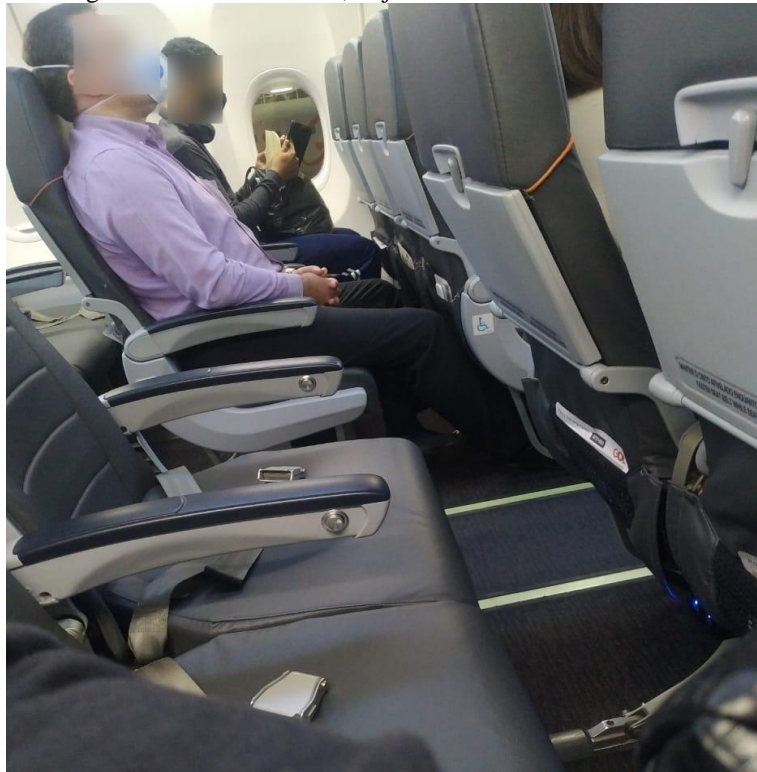
Fonte: arquivo pessoal

Figura 2 – Fila de embarque para o voo trajeto Guarulhos e Porto Alegre



Fonte: arquivo pessoal

Figura 3 – Voo de retorno, trajeto entre Brasília e Guarulhos



Fonte: arquivo pessoal

Figura 4 – Lanchonetes do Aeroporto de Guarulhos



Fonte: arquivo pessoal